

João Manuel Bernardo

O campo na cidade:
as hortas e os hortelões de Lisboa

As áreas de actividade agrícola representam uma das muitas dimensões da natureza na cidade. Parques, jardins (seja ao nível do solo ou em varandas, terraços ou coberturas de edifícios), áreas naturais e semi-naturais, vestígios de antigas quintas e vazios urbanos ocupados por vegetação espontânea, são formas evidentes da presença da natureza na cidade. Nesse contexto, em algumas das nossas urbes, as hortas urbanas assumem uma relevância que justifica uma atenção particular.

A alimentação e a produção de alimentos é hoje objecto de uma atenção generalizada por parte das organizações internacionais e das sociedades em geral. A *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO)¹ tem dado particular atenção aos países em vias de desenvolvimento e à migração populacional contínua das áreas rurais para as cidades (as periferias não param de crescer e as condições de vida são difíceis, a pobreza e a fome exigem respostas). Mais de metade da população mundial vive em áreas urbanas que, na América Latina, Ásia, e África continuam a crescer. A pobreza tem sido geralmente associada ao meio rural, mas a rápida urbanização em muitos países em vias de desenvolvimento deu origem a uma população urbana pobre cuja dimensão irá continuar a crescer rapidamente. O crescimento das cidades é gerado pelo crescimento económico, mas também pela migração das áreas

rurais para áreas urbanas e periurbanas, face às más condições de vida e reduzidas oportunidades de trabalho rural. Para o rápido desenvolvimento urbano têm contribuído também os desastres naturais, em especial as secas, as guerras e os problemas sociais. Este crescimento urbano é composto, em grande parte, por populações rurais que lutam pela sobrevivência.

Esta questão não deve ser circunscrita às regiões em vias de desenvolvimento e deve ser colocada numa escala global.² No complexo quadro actual, diversos elementos devem ser considerados na contextualização da agricultura urbana, nomeadamente:

- a não sustentabilidade de alguma agricultura intensiva;
- o abandono da agricultura tradicional, menos intensiva e geralmente não sustentável economicamente para além da escala da exploração familiar;
- a compatibilização da agricultura com a conservação da natureza;
- a utilização de solos para produção de biocombustíveis, diminuindo assim a área destinada à produção de alimentos;
- a consciencialização da necessidade de preservação das grandes áreas florestais nas regiões temperadas e tropicais, em risco de destruição devido ao aumento da área agrícola;
- a subida do nível de vida na China e no Sudeste Asiático, em geral, com melhoria da alimentação dessas populações e ocasionando menor disponibilidade de alimentos no mercado mundial e a correspondente subida de preços;
- a insegurança alimentar devido ao que parece ser uma crescente irregularidade climática;
- a recomendação da FAO no sentido de as cidades serem cada vez mais auto-suficientes em recursos alimentares;

- a desconfiança sobre a salubridade/segurança dos alimentos dos grandes circuitos de produção-distribuição-comercialização;
- a necessidade de lutar contra o divórcio entre produção e consumo de alimentos;
- a necessidade de encurtar a distância produtor-consumidor, promovendo a produção local;
- possibilitar o contacto de crianças com actividades rurais e de produção de alimentos;
- a relação dos urbanitas com a terra, a experiência de contraste com a rotina urbana, o prazer da relação com elementos vivos e um possível mundo rural, e a possibilidade de produção de uma parte importante da alimentação;
- produzir alimentos como necessidade directa de sobrevivência de urbanos com raízes rurais relegados à pobreza, no quadro de uma agricultura de subsistência;
- a redescoberta do campo e dos valores do mundo rural e a percepção de que, no futuro, poderá ser necessário produzir à escala familiar ou comunitária uma parte dos alimentos necessários;
- a menor disponibilidade de recursos financeiros por parte das autarquias para manutenção de espaços verdes.

A produção de hortícolas nos espaços urbanos e periurbanos tem, entre nós, uma longa tradição. Uma parte importante da nossa população urbana tem raízes rurais e a disponibilidade de terrenos sem utilização permite que essa relação com a terra persista, ainda que apenas na escala da pequena horta. Neste texto procede-se a uma caracterização sumária das hortas e dos hortelões da cidade de Lisboa, dando relevo às suas motivações e às narrativas associadas à relação com a terra, com o vivo e com a produção hortícola.

MÉTODO

Procedeu-se a um levantamento sumário das áreas de hortas na cidade de Lisboa com base na leitura de uma imagem de satélite, complementada com reconhecimento de terreno. Foram realizados inquéritos em Maio e Junho de 2009, em áreas de hortas de Benfica, Carnide, Olaias, Chelas, Poço do Bispo, e Marvila. Foram inquiridas 36 pessoas que se encontravam nas respectivas hortas. A recolha de informação foi precedida de uma apresentação muito sumária do contexto do estudo e respectivos objectivos e decorreu num contexto informal. Inicialmente, alguns dos inquiridos manifestaram reservas, em participar por terem dúvidas sobre os objectivos do estudo e o seu eventual promotor (governo, fisco, Câmara Municipal de Lisboa, promotores imobiliários, proprietários dos terrenos, etc.). Dissipadas as dúvidas, a conversa rapidamente se tornou calorosa e terminou, em muitos casos, com a oferta de produtos hortícolas e convites para voltar. Foi assegurado o anonimato na publicação dos resultados.

Os objectivos do inquérito eram caracterizar as hortas e a produção hortícola, os seus trabalhadores e as respectivas motivações. Associado ao inquérito, e no âmbito de conversa informal, procurou-se estimular nos inquiridos observações e narrativas, que foram registadas e permitem uma análise de conteúdo.

LOCALIZAÇÃO E FORMAS DAS HORTAS

As hortas em Lisboa distribuem-se principalmente num arco de cerca de 7 km, que se estende desde a Quinta da Granja em Benfica e passa por Carnide, Telheiras, Lumiar, Chelas e Marvila (Vale da Montanha, Vale de Chelas, Vale Fundão). Com menor expres-

são, encontram-se distribuídas pela cidade outras zonas de hortas. Quase se pode dizer que, da cidade antiga às zonas mais recentes, não há bairro onde não existam hortas.

Com base na imagem de satélite foram detectadas cerca de 80 zonas de hortas, de dimensão muito variável, entre 200 e 53 000 m². Só 14 destas zonas têm área superior a 10 000 m² e localizam-se principalmente em Benfica, Carnide, Chelas e Marvila. A área total de hortas dentro da cidade de Lisboa foi estimada em cerca de 50 hectares.

A maioria dos hortelões cultiva terra que não lhes pertence. A generalidade das hortas resulta da ocupação espontânea de terrenos públicos e nalgumas áreas, sobretudo em antigas quintas, a ocupação de terrenos privados é consentida pelos proprietários.

Os espaços hortícolas em Lisboa constituem uma realidade diversificada e, se procurarmos estabelecer um esboço de categorias, podem considerar-se as seguintes formas:

1. Quintais no interior dos quarteirões em zonas com tecido urbano consolidado; nas áreas de operariado e funcionários com baixo rendimento (incluindo habitação social), as hortas associam com frequência o cultivo de legumes com árvores de fruto e algumas plantas ornamentais;
2. Espaços residuais na cidade consolidada, incluindo zonas de forte declive sem construção, vazios resultantes da demolição de construções, pequenas áreas sem aptidão para construir, zonas «expectantes» de urbanização ou construção de infra-estruturas, vazios aparentemente destinados a «zonas verdes» que nunca chegaram a ser concretizadas; (FIG. 1)
3. Grandes vazios urbanos na zona oriental da cidade (Chelas, Marvila) onde só foi construída habitação social nas últimas décadas, na sequên-



FIG. 1 Pequena zona de hortas na cidade antiga, Graça.
(fot. João Manuel Bernardo)

cia da eliminação de bairros de barracas, e onde, mais recentemente, foram construídos alguns edifícios destinados à classe média; (FIG. 2)

4. Espaços rurais periféricos remanescentes após o avanço da cidade nas fases de desenvolvimento recente, em que a urbanização se apropriou de áreas agrícolas deixando bolsas, quintas e terrenos agrícolas abandonados; (FIG. 3)
5. Espaços abertos nos «novos baldios» suburbanos gerados pelo crescimento da rede viária envolvente e de ligação à cidade (fora do âmbito deste estudo).

CARACTERÍSTICAS DAS HORTAS

A área média de cada horta é de 342 m², variando entre os 50 e os 1000 m². Foram observados diversos talhões de terreno com áreas inferiores (apenas 10 m²) mas, por ausência dos hortelões, não foi possível confirmar se se tratava de hortas individuais ou apenas de partes de uma horta maior. Nalguns casos, não foi possível determinar a área da horta porque o hortelão não especificou os seus limites.

Nas hortas produz-se um leque muito variado de produtos hortícolas. Cebola, alface, tomate, batata e couve são cultivados em mais de 70% das hortas, destacando-se a primeira, cultivada por todos os inquiridos. Seguem-se feijão seco (cerca de 60%) e, em 50 a 25% das hortas, pepino, feijão-verde, curgete, abóbora e pimento. Milho, alho, grão, fava, ervas aromáticas e ervilha são produzidos em menos de 25% das hortas. O alho francês e a beringela são cultivados em menos de 10% das hortas.

Questionados sobre qual a principal produção da sua horta, alguns dos inquiridos não foram capazes de se pronunciar por incapacidade de avaliação, ou porque efectivamente nenhuma cultura se desta-

cava; nalguns casos foi possível, por observação directa, identificar ou confirmar quais os principais produtos hortícolas cultivados. A cebola é, de longe, a principal produção em 42% das hortas; segue-se-lhe a batata, cultivada em 25% das hortas. Em 13% das hortas o tomate é a principal produção e, em percentagem inferior a 10%, as principais produções são couve, feijão seco, feijão-verde, milho e fava.

Só 8,7% dos inquiridos, aqueles com hortas de maior dimensão, mencionaram vender uma pequena parte da produção. Não foi possível concretizar quanto é efectivamente vendido e é muito provável que, sobre esta matéria, não seja possível obter informações fiáveis. As vendas são efectuadas por transacção directa, sendo a maioria dos compradores conhecidos e regulares. Os produtos das hortas de Lisboa não entram, portanto, num circuito de comercialização convencional (praça, mercados de rua, lojas).

A produção de algumas hortas é elevada. Numa das maiores hortas (cerca de 1000 m²) estudadas são produzidos pelo menos 800 kg de cebola, 300 alfaces, e são plantados 2 sacos de batata de semente (o que corresponde a uma produção estimada de 400 kg), para além da produção, grande mas não quantificada, de couves, pepino, curgete, pimento e outros legumes. Em casos como este, é de supor que uma percentagem expressiva da produção seja efectivamente vendida, embora a horta referida alimente 11 pessoas.

A produtividade das hortas depende muito da disponibilidade de água, recurso essencial, que condiciona fortemente a produção e a duração do período produtivo. Tanto se usa água da chuva captada e armazenada na horta como água proveniente quer de poços existentes no próprio terreno ou nas imediações, quer de fontanários próximos ou de linhas de água. Há, também, quem traga água de casa. A captação de água é um recurso vital já que, inclusivamente

na Primavera, a água da chuva pode não ser suficiente: «A água é o sangue da terra: sem água nada feito», referiu um dos inquiridos. Há quem defenda que a melhor água é a água não tratada: «A água da companhia não puxa!», o que provavelmente tem mais a ver com a ideia das virtudes do «natural» do que propriamente com os efeitos na produção, cuja leitura é empírica.

A disponibilidade de água distingue as zonas de hortas e determina a produção de legumes, aspecto reconhecido por todos os hortelões: «Aqui nunca falta água. O poço tem sempre água. Mas há quem não tenha esta sorte». Outro inquirido, referindo dificuldades compreensíveis confessou: «Quando não chove, temos que trazer água de casa em garrafas. Não temos água; é complicado.» A popularidade do cultivo de cebola justifica-se, em vários casos, pela baixa disponibilidade de água para rega. De um modo geral, a partir de Maio, a produção fica fortemente condicionada em zonas sem poços ou sem disponibilidade de água nas proximidades.

As hortas ficam perto das casas dos hortelões, geralmente a uma distância inferior a 500 metros, o que permite manter uma rotina de manutenção frequentemente diária, entre a chegada do trabalho ao final da tarde e a hora de jantar. Nalguns casos, a mudança de residência não implicou o abandono da horta, mesmo que haja uma grande distância a percorrer e isso implique utilizar vários meios de transporte.

QUANTAS PESSOAS ALIMENTA A HORTA?

Foi colocada a questão do número de pessoas que consomem frescos de cada horta e, não sendo essa produção suficiente, qual a percentagem de frescos adquirida para complementar a produção.



FIG. 2 Os grandes vazios ocupados por hortas, Vale da Montanha em Chelas.

FIG. 3 Hortas numa quinta abandonada, Chelas.

(fot. João Manuel Bernardo)

Dependendo da área, as hortas podem alimentar a unidade familiar base que co-habita, os ascendentes e descendentes, e vizinhos, amigos ou colegas. O número de pessoas alimentadas por cada horta varia entre 2 e 15, sendo a média 6 pessoas. Só as hortas de maior dimensão satisfazem a totalidade das necessidades em legumes dos respectivos consumidores. Durante alguns períodos, a abundância de legumes rapidamente perecíveis e não passíveis de conservação leva a uma distribuição alargada de produtos, que abrange, episodicamente, um número elevado de pessoas.

Recorrendo à área de cada horta, ao número de pessoas que alimenta e à relação entre legumes produzidos na horta e legumes adquiridos, calculou-se a área necessária para suportar, em legumes, uma pessoa. Esta medida da área necessária individual (ANI) representa o inverso da capacidade de carga e é dada por:

$$\text{ANI} = \text{área da horta} / \text{n.º de pessoas alimentadas pela horta} \times \text{legumes produzidos na horta} / (\text{legumes produzidos} + \text{legumes adquiridos})$$

Este valor varia entre 40 e 286 m², sendo a média 97,3 m². A amplitude deste intervalo é demasiado grande e os valores mais elevados são claramente excessivos, o que afecta o valor médio obtido. Entre as possíveis razões para essa ambivalência poderá estar a dificuldade de os inquiridos estabelecerem a proporção entre vegetais produzidos e adquiridos e de estimarem o número médio de pessoas que consomem os alimentos produzidos. A grande variação de valores entre hortas é também devida às diferenças de produtividade, de que são factores a disponibilidade de água, a qualidade do solo, a exposição solar e a competência e o empenho do hortelão. Roubos e vandalismo, frequentemente referidos nalgumas áreas, reflectem-

-se também nos problemas de quantificação da capacidade de carga das áreas hortícolas. Nas hortas com maior área, a dificuldade em obter dados precisos sobre a produção que é vendida e o menor rigor nas respostas afectam estes resultados. Para alcançar uma ANI proporcionada há que recolher mais dados e, na medida do possível, confirmar o seu rigor. Como referido, a ANI média obtida parece excessiva, devendo o valor real estar próximo de metade.

Com base na ANI, é possível estimar o número de consumidores alimentados pelas hortas da cidade de Lisboa a que equivale a produção das hortas ou seja, o equivalente ao número de pessoas cujos legumes consumidos provêm exclusivamente das hortas e que têm uma dieta rica em alimentos vegetais. Para uma ANI de 97,3 m², a área de hortas estimada em 50 hectares suportaria 5139 pessoas. Estando a ANI sobreavaliada, o número de pessoas que se alimenta de legumes exclusivamente provenientes das hortas deverá ser significativamente superior, possivelmente próximo do dobro. Este valor pode ser considerado muito baixo (aproximadamente 2% da população da cidade), mas é de referir que o consumo de frescos das famílias de hortelões é muito superior ao consumo médio da população e que o significado social desta produção é relevante. Mais dados sobre a produtividade das hortas permitirão melhorar a estimativa da população que delas obtém alimentos hortícolas.

QUEM SÃO OS HORTELÕES DE LISBOA?

O intervalo de idades dos hortelões estende-se dos 22 aos 85 anos. A idade média é 58 anos. Num caso, foi observada uma criança a participar nas actividades hortícolas, mas não foi contabilizada por se tratar de uma ajuda pontual à mãe, a responsável da horta.

Dos inquiridos, 78% são do sexo masculino. Algumas das mulheres trabalham nas hortas ajudando os maridos. Entre as restantes mulheres, mais de metade trabalham a horta individualmente ou com a ajuda de filhos ou pessoas de hortas próximas.

94% dos hortelões têm um nível baixo de escolaridade e trabalham, ou trabalharam, em profissões com um baixo nível de qualificação: construção civil, motorista, funcionário camarário não qualificado, operário não especializado, limpeza, etc. Só 6% dos hortelões têm um nível de escolaridade médio e profissões com algum grau de qualificação. 61% são profissionais activos, 31% são reformados e os desempregados ou sem trabalho representam 8%.

Dos inquiridos apenas 8% nasceram em Lisboa, percentagem que corresponde aos hortelões com menos de 35 anos. Os restantes nasceram fora de Lisboa, quase exclusivamente nas Beiras e Trás-os-Montes e, na maioria dos casos, vieram para Lisboa com idades entre 20 e 30 anos, alguns na sequência do serviço militar.

O tempo médio dedicado à actividade hortícola é de 3 horas/dia, variando entre os 15 minutos/dia e as 8 horas/dia. Tempos superiores a 3 horas/dia correspondem a reformados, alguns dos quais referiram chegar, em alguns dias, a dedicar 12 horas à horta. Para muitos destes últimos, a horta constitui um autêntico espaço de vida, dispondo de cadeiras, mesas, instalações para cozinhar e descansar e, nalguns casos, de rádio. A horta representa, assim, um pequeno mundo rural recriado no meio da cidade.

MOTIVAÇÕES

Procurou-se inventariar as diversas razões que levam as pessoas a cultivar a terra e desenvolver narrativas complementares ao ques-



FIG. 4 Oásis no meio da cidade, Carnide. (fot. João Manuel Bernardo)

tionário fechado. Na generalidade, as respostas indicavam várias motivações. Perante a questão de qual, entre as várias indicadas, seria a motivação principal, alguns dos inquiridos não foram capazes de se pronunciar, considerando que nenhuma motivação deveria ser destacada.

A totalidade dos inquiridos referiu o gosto em trabalhar a terra e cultivar vegetais e 53% consideraram esse gosto como uma das principais razões. As narrativas valorizaram a especial importância da relação com o vivo: «Gosto de ver as coisas a crescer. A gente trata da terra, trata das plantas e elas crescem. Como é que hei-de dizer? É um gosto que a gente tem»; «Há alguma coisa mais bonita do que ver uma coisa a crescer? uma planta, uma alface a crescer, um pintainho – não há nada mais bonito do que ver uma coisa a crescer», como referiu um hortelão de 65 anos. Nesta relação com o vivo, os legumes cultivados adquirem personalidade, assumindo interacção com o hortelão e um carácter próximo e empático, quase íntimo ou mágico: «Ando aqui e falo com elas. A planta precisa que falem com ela; se falarmos com ela, ela até *navega*; tudo quer que se fale com ele».

O entretenimento e convívio foram referidos como motivação por 53% dos inquiridos: «É melhor do que andar para aí sem fazer nada, a beber ou a roubar, como andam para aí tantos». Este factor liga-se a uma componente de convívio entre a gente das hortas, que foi indicada por 39% dos hortelões como motivação: «A gente vem para aqui, vai cavando ou fazendo o que for, não é?, e fala-se com este, fala-se com aquele, a gente dá uma ajuda uns aos outros e o tempo vai passando», como referiu um reformado de 70 anos. «É um entretém; está-se aqui com os amigos, passam-se aqui umas horas boas; e levar comida para casa também é bom, está claro.» Nas hortas estreitam-se os laços face a interesses comuns e constrói-

-se um sentido de comunidade solidária, de alguma forma próxima daquela em que se integravam nas áreas rurais. Os hortelões vêem-se entre si como gente próxima e boa («o pessoal aqui das hortas é tudo gente boa»), como no país rural que ainda perdura na memória, contrastando com o universo urbano frequentemente conotado negativamente («gatunagem, vadios, drogados e inúteis»).

A produção de alimentos foi mencionada por 72% dos inquiridos como motivo, mas nunca como o principal. Esta razão está associada ao gosto pelo mundo vivo e ao trabalho da terra, sendo os legumes o resultado de esforço e saber. A construção da auto-estima e o orgulho de quem sabe e que obtém a recompensa merecida pelo esforço e empenho são ideias que perpassam nas narrativas.

A importância do conhecimento é referida: «Isto é preciso saber, e anda para aí muita gente que não sabe, não aprenderam; é preciso ter o conhecimento». «Isto é como tudo: há os que sabem e há os que não sabem; andamos nisto desde miúdos e está a ver como isto está, não é? mas há quem não saiba e não faz as coisas como deve ser.» Quem sabe e se empenha mostra-se orgulhoso dos resultados. Na horta cultiva-se também a auto-estima.

Nalguns casos o esforço é suplementar. Não havendo terrenos bons disponíveis, os últimos a chegar só dispuseram de áreas marginais que implicam um esforço e dedicação redobrados. Como referiu um hortelão de origem africana no Vale da Montanha (Chelas), trabalhando uma zona marginal onde fora lançado material de demolições: «Quando cá cheguei já só havia este bocado; a terra não presta, está a ver? É só entulho; mas ando a enterrar ervas e folhas e daqui a um ano ou assim isto já está bom». A horta é também uma conquista.

Genericamente, o discurso acentua o carácter tradicional das práticas: «É tudo natural. Pomos estrume, restos das folhas e assim».

«Não queremos cá químicos: enterramos ervas, as folhas e restos da cozinha. É outro sabor, não se compara.» Para a generalidade destes agricultores, as práticas tradicionais que só recorrem a produtos naturais reflectem-se na qualidade dos produtos. Só 8% referiram usar fertilizantes químicos, embora possa haver algum pudor em confessar que os utilizam quando se pretende transmitir uma imagem de uma prática natural, contrastando com o cultivo de escala industrial, associado a menor qualidade. Só em hortas de maiores dimensões foi referida a utilização de fertilizantes industriais: «Adubar? Tem que ser, é o alimento das plantas. Sem adubo não cresciam». A área de terreno cultivado justifica a utilização de fertilizantes industriais: «Ponho algum adubo químico. Isto é um terreno grande e de outro modo não dava».

Ligado a este aspecto está a motivação de saber o que se come, ou seja, a segurança e qualidade alimentar: «As verduras do supermercado? a gente sabe lá o que está a comer, as coisas que eles põem. Aqui é tudo bom». «A gente assim sabe o que anda a comer. As verduras não têm químicos.» Um hortelão de 32 anos nascido em Lisboa, referindo-se ao discurso do pai (65 anos, nascido na Beira Alta) sobre as evidentes qualidades de sabor dos legumes da horta em relação aos do supermercado («O sabor é outra coisa, tem lá comparação»), manifestou algum cepticismo relativamente a esta ideia: «Ele diz que sabem muito melhor, mas eu não noto diferença». O menor envolvimento das gerações mais novas parece traduzir-se na sugestão de que as apregoadas virtudes dos legumes das hortas são mais crença do que realidade.

Poupar dinheiro, e/ou ganhar dinheiro, foi referido como motivação por 53% dos inquiridos e só 6% referiram a poupança como um dos motivos principais. A relevância da poupança como argu-



FIG. 5 Três gerações na horta ao fim de tarde. Irão os filhos substituir os pais no cultivo da horta? (fot. João Manuel Bernardo)

mento foi de algum modo desvalorizada: «Sim, poupa-se alguma coisa, mas não é lá muito». «Se fosse só pelo dinheiro, não andava nisto.» Este discurso pode significar vergonha em assumir que se vive na pobreza (o que não deixa opção alternativa a cultivar a horta para garantir auto-subsistência), ou que essa é só uma das razões, sendo outras tão ou mais importantes do que essa. No entanto, para os que têm baixos salários, e particularmente com famílias grandes, a poupança é uma razão importante: «Tem que ser. A comida está cara», como referiu uma mulher cabo-verdiana, de 52 anos com 3 filhos e 1 neto, «O dinheiro é pouco e sempre se poupa alguma coisa». «Com a reforma que tenho, como é que me governava? Sempre levo alguma coisa para comer.» Com base no discurso e numa avaliação do nível de salário/reforma e poder de compra, o carácter de subsistência das hortas foi estimado em 25%.

11% dos inquiridos referiram a importância da calma, do efeito positivo sobre os «nervos» e a experiência gratificante de estar na horta: «Isto é muito bom para os nervos, para o *stress*; alivia a gente do trabalho». «Uma pessoa anda chateada e isto faz mesmo bem à cabeça.» A ocupação (em tarefas contrastantes com as do trabalho) liga-se ao efeito terapêutico: «O *stress* vai-se todo embora. Há sempre que fazer. Às vezes, se não é a mulher vir cá buscar-me, até me esquecia de ir para casa. Há alturas em que saio daqui já é noite». A horta é um lugar fora do tempo, o tempo suspende-se.

A tranquilidade, valor essencial do mundo rural, está na raiz da experiência recuperadora, restauradora do equilíbrio: «Passa-se aqui um bom bocado; já viu esta calma?» «Então isto não é uma maravilha? Esta paz?» As hortas são o paraíso bucólico possível, pequenas arcádias, algumas de poucas dezenas de m², ilhas de felicidade no meio na cidade (FIG. 4).

A ligação à terra é muito forte. Como referiu um polícia reformado, agora agricultor a tempo inteiro, falando de gente das hortas com alegados problemas criminais: «Podiam fugir de casa, mas não abandonavam a horta e era aí que a gente os apanhava – fica-se ligado à terra; é uma coisa muito forte.» A mesma ideia foi expressa por outro hortelão referindo-se a um vizinho: «Mudou de casa para a margem sul, mas continua a vir aqui tratar da horta dele. Não a deixa. A gente tem amor a isto.»

Os resultados relativos às motivações evidenciam a importância do gosto pelo trabalho da terra, pela relação com os elementos vivos e a importância de produzir uma parte significativa da alimentação familiar. É logo evidente a importância da actividade desenvolvida resultar em algo tangível (um produto concreto, material) de cuja qualidade o produtor se possa orgulhar. Enquanto para a maior parte da população urbana o resultado do respectivo trabalho é intangível, sem uma percepção imediata da respectiva utilidade ou relevância, a relação do hortelão com os seus produtos aproxima-se da do artesão com as suas obras. O hortelão sabe que a qualidade do que produz é o resultado do seu saber, esforço, empenho e dedicação. E, nesse sentido, encontra nos legumes que cultiva um motivo de orgulho.

O trabalho da terra e a relação com o mundo vivo constituem uma experiência transformadora, capaz de melhorar os que nela se envolvem: «Se o visse há um ano atrás não o conhecia. Não imagina o bem que a horta lhe tem feito. Está mais desenrascado; ao princípio dava-lhe uma ajuda, mas agora já nem precisa. Parece outro, até fala melhor. O que ele mudou desde que veio para cá trabalhar na horta!», como referiu um hortelão falando de um jovem vizinho com deficiência. Trabalhar a terra permite igualmente manter a

energia e a vontade de viver de quem faz o que gosta: «Se a minha mãe não tivesse a horta, já tinha morrido; a horta é que a mantém viva», como disse um filho referindo-se à mãe de 85 anos, resistente e altiva. A horta mantém a ligação com as memórias rurais na comunhão com um mundo vivo que dá o retorno dos cuidados que recebe. A horta preserva a identidade, permite o orgulho de estar activo e ser produtivo, constitui quase uma razão de vida.

Os valores da modernidade e o chamado progresso relegaram os agricultores urbanos para uma espécie de *ghetto*, bolha parada no tempo, como restos de um passado que teima em persistir. Com baixa escolaridade e recursos reduzidos, as hortas integram os novos párias, afastados da vida da pólis. Mas a horta permite a essas pessoas afirmar a sua identidade e, em muitos discursos, há um sentido de grupo, a «gente das hortas», associado aos valores são da ruralidade, «quem trabalha a terra não pode ser gente má». «É tudo gente boa, que tem orgulho no que faz.»

QUE FUTURO PARA AS HORTAS NA PRÓXIMA GERAÇÃO?

Em Lisboa, só 9% dos hortelões têm menos de 35 anos e, destes, só 3% são o elemento principal no trabalho da horta; os restantes são filhos que ajudam ou trabalham conjuntamente a horta com a mãe. À questão «Os filhos gostam da horta e ajudam no trabalho?», 17% responderam que sim. Dos restantes, alguns comentaram que não gostam, não participam nas actividades hortícolas, nem se interessam ou nunca vieram à horta.

Supõe-se que possa haver algum enviesamento, já que qualquer geração olha criticamente a seguinte. Foram diversas as referências ao contraste com que são percebidos os gostos

e valores entre as duas gerações: «Já não têm o amor por estas coisas». «Não querem nada disto.» «Já não têm este gosto da gente.» «Já não têm o bichinho disto.» A relação com a terra perdeu-se na geração dos filhos e, de algum modo, os pais lamentam-no. «São lisboetas, não gostam», referem, distinguindo-se dos filhos, já que continuam a ver-se como rurais na cidade, enquanto os filhos são já tidos como urbanos, renegando os valores da geração anterior. Consideram até que os filhos talvez tenham vergonha deles, já que são sinais de um outro tempo e de um outro modo de vida a que não querem ser associados: um país rural pobre, atrasado, analfabeto.

«Gostam é de comer» é uma afirmação corrente que traduz a ideia de que nas cidades se perdeu a relação entre o esforço de trabalhar a terra e a obtenção dos alimentos. Diz-se que já nada se faz com as próprias mãos, já não há esforço, apenas usufruto. Ou desculpam-nos: «Têm lá a vida deles e não têm tempo», subentendendo-se que no universo urbano o tempo tem uma outra escala ou o urbanita tem outras solicitações.

Presentemente, a procura de áreas para cultivar excede a disponibilidade, designadamente nas zonas com bons solos. Os que já têm querem alargar a área cultivada e os que chegam deparam com dificuldades em conseguir um pedaço de terra. Nalguns casos, a obtenção de um talhão consegue-se por cedência directa de quem, por idade avançada ou impossibilidade física, já não consegue trabalhar a terra. Porém, aparentemente, o futuro das hortas parece não estar ligado à nova geração nascida em Lisboa – filhos dos actuais horticultores – mas, sim, à população que continua a chegar à cidade proveniente de zonas rurais, incluindo imigrantes africanos, de Cabo Verde e Angola, por exemplo.

**REDESCOBERTA DOS VALORES RURAIS
PELA POPULAÇÃO URBANA?**

Não é perceptível a inclusão de população com cultura urbana no universo da «gente das hortas». A exceção são alguns, poucos, grupos de jovens que integram o cultivo de legumes num programa mais vasto, como é o caso da Horta do Monte,³ uma pequena horta comunitária situada na Graça. Apresentam-se como «um projecto comunitário, que visa promover estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis nas cidades através da prática de cultivo orgânico segundo os princípios da Permacultura, criar e fortalecer laços entre as pessoas das mais diversas faixas etárias, onde a partilha e a transmissão de conhecimentos aconteça». Esta iniciativa é claramente distinta da generalidade das hortas de Lisboa. A horticultura é o eixo para o convívio entre o grupo e a população do bairro, parecendo serem mais importantes as relações entre as pessoas do que propriamente a produção de legumes obtida. Estas práticas envolvem várias componentes correntemente associadas a correntes políticas da esquerda informal e aos chamados estilos de vida alternativos – permacultura, yoga e meditação, fornos solares, estímulo do vegetarianismo, agricultura biológica, incentivo do sentido de comunidade. Este ideário integra-os no espírito dos movimentos actuais que revisitam ideias e formas de vida dos anos 1960 e 1970, agora sob a bandeira da sustentabilidade. Mas estas iniciativas constituem casos isolados, que não podem ser tomados como sinais do interesse dos jovens urbanos pela horticultura.

É frequente a referência à redescoberta dos valores rurais e ao «regresso à terra». Os resultados obtidos permitem concluir que, contrariamente ao que se observa em diversos países da Europa e nos EUA, em Portugal, e em Lisboa concretamente, não há urbanitas típi-

cos envolvidos no cultivo das hortas. Em determinadas zonas habitacionais, como Telheiras ou Alvalade, observaram-se alguns casos em que a actividade hortícola nos terrenos associados aos edifícios da classe média não é desenvolvida pelos moradores, mas, sim, por pessoas de origem rural, remuneradas, que desempenham essas funções como jardineiros ou que, tendo hortas, foram solicitadas para estenderem os seus serviços a esses terrenos. Identicamente, nas áreas de moradias, os proprietários de estatuto social mais elevado, têm jardineiro e nem sequer são os próprios a cortar a relva do jardim. Existe, portanto, um considerável divórcio entre a população de maior escolaridade e estatuto social e o trabalho da terra. Entre nós, trabalhar a terra ainda é coisa de gente pobre ou remediada.

É inegável a importância que as hortas têm para a população de mais baixos recursos, permitindo alimentar-se melhor e produzindo localmente alimentos seguros e nutricionalmente de boa qualidade, sem custos ambientais ou de transporte. No actual contexto de crise, isto é mais verdade do que nunca. Mas, para além dos produtores-consumidores, a sociedade em geral também ganha. As hortas são um espaço de educação e aprendizagem para os mais novos, geralmente divorciados da produção de alimentos e da própria ideia de subsistência. Constituem também solos agrícolas que, num meio urbano, proporcionam importantes serviços ecológicos. E são um elemento natural, verde, tão importante para os humanos como para a biodiversidade urbana.

- 1 Food and Agriculture Organization of the United Nations, «Urban and peri-urban agriculture» in *Committee on Agriculture*, 15th session, Rome, 1999, COAG 99/10 (ed. online www.fao.org consultado em 7 de Agosto de 2010).
- 2 René VAN VEENHUIZEN (coord.), *Cities Farming for the Future. Urban Agriculture for Green and Productive Cities*, Ottawa, RUA Foundation, IDRC e IIRR, 2006, p. 1-460.
- 3 «Horta do Monte» in www.hortadomonte.blogspot.pt (consultado em 3 de Julho de 2012).

Sumário

- 7 Paisagem e Património: aproximações pluridisciplinares
ISABEL LOPES CARDOSO
- 19 Paisagem e virtual, dois mundos separados
ANNE CAUQUELIN
- 33 Estar na paisagem, habitar, caminhar
JEAN-MARC BESSE
- 57 A construção de paisagens urbanas poderá criar bens comuns?
PIERRE DONADIEU
- 83 Entre a *Tabula Rasa* e a Museificação
LISA DIEDRICH
- 111 A paisagem na arte moderna e contemporânea
MICHEL COLLOT
- 129 Paisagem, Caminho-de-ferro e Património
ANA CARDOSO DE MATOS
- 153 Museu do Pão, Moinho Colognese
MARCELO FERRAZ
- 167 A urbanização da paisagem rural e o papel das casas de emigrantes
ISABEL RAPOSO
- 195 O campo na cidade: as hortas e os hortelões de Lisboa
JOÃO MANUEL BERNARDO
- 223 Paisagens Transgênicas
ÁLVARO DOMINGUES

Isabel Lopes Cardoso

Paisagem Património

EQUAÇÕES DE ARQUITECTURA
DAFNE EDITORA



Paisagem e Património

APROXIMAÇÕES PLURIDISCIPLINARES



COORDENAÇÃO
Isabel Lopes Cardoso

DAFNE EDITORA
CHAIA | UNIVERSIDADE DE ÉVORA

EDIÇÃO
Dafne Editora | CHAIA

1.ª EDIÇÃO
Porto, 2013

EDITOR
Isabel Lopes Cardoso e André Tavares

REVISÃO
Teresa Godinho

DESIGN
Rui Silva – www.alfaiataria.org

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Norprint

COPYRIGHT
© CHAIA e Dafne Editora

DEPÓSITO LEGAL
366642/13

ISBN
978-989-8217-27-1



CHAIA
CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
ambos os lados da ciência e da cultura



QR EN
QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
2010-2013



GOVERNO DE PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

www.chaia.uevora.pt
www.dafne.com.pt